

# MACONDO

revista literária

N.º 7

SEMESTRAL  
2013 / 01



**apresenta** yuri amaury, danilo sales, ricardo russano, élen rodrigues gonçalves, marcelo feres, helena barbagelata, aurélio furdela, caetano sordi, bartolomeu pereira lucena, estevão daminelli, denise freitas, emanuel r. marques, patricia maia, henrique ribeiro da silva, rafael batista

ARTIGO

LANÇAMENTOS

POESIA

CONTO

BIBLIOPHILIA

HAICAI

ENSAIO



## expediente

### EDITORES

francisco mariani casadore  
marcos mariani casadore

### COLABORADORES

os autores dos textos publicados na presente edição estão listados,  
por ordem alfabética, nas páginas finais da revista.

### IMAGEM DA CAPA

retirada do acervo pessoal dos editores.

**não nos responsabilizamos por ideias e demais conceitos  
expostos pelos autores, bem como pela autoria dos textos.**

### APOIO À PAGINAÇÃO:

**acentográfico**

Revista disponibilizada **gratuitamente** pelo site  
[www.revistamacondo.com.br](http://www.revistamacondo.com.br)

### ACESSE TAMBÉM

[www.twitter.com/revistamacondo](http://www.twitter.com/revistamacondo)  
[www.revistamacondo.wordpress.com](http://www.revistamacondo.wordpress.com)  
[www.facebook.com/revistamacondo](http://www.facebook.com/revistamacondo)

### CONTATO | ENVIO DE MATERIAL

[colaboracao@revistamacondo.com.br](mailto:colaboracao@revistamacondo.com.br)

Fiz do meu prazer e da minha  
dor o meu destino disfarçado.



Clarice Lispector



# eeditorial

A sétima edição da Revista Macondo chega ao público, novamente, com um considerável atraso – antes de tudo, portanto, achamos que caberia aqui um pedido de desculpas aos leitores e, principalmente, aos colaboradores. Sempre reiteramos o quão complicado é lidar com a leitura de todo o material, seleção e produção da revista, mas fazemos questão de realizarmos todo

o trabalho da melhor maneira possível: acabamos, por fim, priorizando a qualidade (embora deixar o fator “tempo” em segundo plano não seja nunca o que esperamos). Justificamos o atraso também em função de outras obrigadoriedades: nosso tempo hábil não estava preenchido somente com nossos empregos formais, mas também com tarefas referentes às nossas formações: os

prazos para a entrega de relatórios parciais de mestrado e doutorado coincidiram com o fechamento desta edição. Nosso tempo livre, drasticamente reduzido nesses últimos meses, infelizmente não foi o suficiente para conseguirmos terminar a edição e diagramação a tempo do lançamento previsto. Lamentamos bastante por isso. Para uma próxima edição, estudamos algumas mudanças

---

## POESIA

página 6

---

## HAICAI

página 19

---

## CONTO

página 21

que evitariam o atraso – a proposta é que saia conforme o previsto, em novembro: não mudaremos o prazo.

\*\*\*

Agora, um pouco sobre esta edição: contamos, uma vez mais, com o recebimento de boas obras – os leitores poderão conferir excelentes textos nas seções de contos, poesias e haicais. Esperamos que gostem

e aproveitem bem! Recebemos, também, um número considerável de ensaios e artigos que, mais por motivos formais de espaço na revista do que pela qualidade, tivemos que restringir. Na edição, disponibilizamos um artigo sobre a poesia de Evandro Nascimento, escrito por Élen Rodrigues Gonçalves, e um ensaio acerca da “decadência familiar” em três obras

lusófonas (“Os Maias”, “Lavoura Arcaica” e “Cinzas do Norte”), de autoria de Danilo Sales. . Confram, ainda, algumas indicações e lançamentos de bons livros ao longo do número. No mais, desejamos a todos uma boa leitura! Nos vemos na Macondo 8.

---

## ENSAIO

página 45

---

## ARTIGO

página 53

---

## COLABORA-

## DORES

página 62



**p**oesia

---

# troco

À espreita  
Sou caçador  
Atiro flechas  
Voo no ardor  
Do alvo perseguido  
Dou troco à vida  
Ela não confessa  
Guarda seus mistérios  
Faço explodir o ultimato  
- Vida!  
Se bates em meu peito  
Se és quem insinuas  
Então  
Foge destas flechas

# e onde aqui dentro?

Vivo uma vida incomparável,  
Alhures prevista e plantada.  
O agora é o que desemboca,  
Trazido pelos tempos e pelos ventos.  
Se há esquecimento,  
Há poesia.  
Todavia,  
Em sintonia.  
Soam os acordes,  
De Pink e de Floyd.  
Navego em suavidades,  
Sonho é suave.  
Ondas do acaso.  
Pretensamente,  
Tudo em harmonia.  
A arte que sorri,  
E que me diz –  
Presente!  
E já estamos aqui,  
Todos, enfim!  
E ainda é agora,  
E tudo lá fora.  
E voamos contentes,  
E onde aqui dentro?

marcelo feres



---

# anotações ao fim da página

Um exemplar vem silenciar o coro  
de vozes distantes e joga o oco,  
o pardo fatigado junto às mil  
e tantas semanas que compuseram  
assim um bom conjunto de recusa.

Ao lado, décadas que me auxiliam  
formular um rabisco incontornável,  
avesso.

E nem por isso me desprendo  
e nem por isso ultrapasso a mim mesma,  
entre tantas linhas indispensáveis  
acomodadas em face da urgência.

Mesmo após a eternidade e sua noite  
inteira de morte e recompensa elas  
não me valem. Mas ofertam seu ganho.

denise freitas

# manifesto

a classe poética reivindica para si  
o direito de ter  
preguiça

# tarde

a preguiça puxava um cão  
pelo assobio

a ladeira deitava para a preguiça passar  
e cumprimentava o cão

acenando  
os postes

---

# a morte do sujeito

um sujeito entra no bar  
a camisa manchada de sangue  
rasgada  
a pele do rosto duro  
barrenta

pede um fogo-paulista  
e um cigarro solto

- tiro de mulher não mata.

tomou de um gole só  
bateu com força o copo  
e morreu ali mesmo

no meio das putas que reclamavam da baixa freguesia  
em cima do caderno esportivo  
e de bitucas de cigarros fumados demais

# tempo de amoras

tempo de amoras

a menina colheu meus olhos  
pousados num bem-te-vi  
devia de ser domingo  
por que as formigas não saíram  
e tinha música nas casas

estevão daminelli

---

# ellipsis

As árvores pendem soberbas  
as copas em mantos de púrpura,  
enquanto a brisa colhe muito álgida  
metade das flores nos braços; duas  
mulheres vergadas de sombra,  
derramam o luto em coroas de lírios,  
o peso da primavera que descansam  
docemente sobre a terra involuta;  
sepultam a lembrança nas horas  
inacabadas da manhã, enquanto um  
curso perfumado que passa, floreja  
eternos os amores e os cantos.

# a janela do mundo

Há uma janela que se abre em promessas,  
em que língua se segredam que não as escuto,  
só oiço as mãos carpindo ósseas e servas,  
cavando por pedras as sepulturas; assim  
se espartilham os sonhos, por vezes  
cedem-se, por vezes matam-se, enquanto  
afugentada pelos beirais, corre exânime  
a dor em gritos açoitados; há uma janela  
descendendo as suas cortinas, mortalhas  
de corpos donde se alçam os impérios;  
deitados sobre a terra são apenas homens,  
em pés simples e desfolhados, que a noite  
sempre descoroa; há uma janela que se despe  
de versos, arremessados como fímbrias  
mortas ao humedecer da tarde, estendo-lhes  
os braços até onde chega a vida, num  
gesto pobre e de tão pouco.

---

# astrolábio

I

A porto incerto sempre e sem sossego  
André Falcão de Resende

Todo o pensamento se evola  
como as aves espartilhadas na  
plúmbea descendência das ondas,  
a imitação irreversível de ontem num  
arrepio de invocações e espuma;  
as palavras derramam-se inconsoláveis,  
estreitadas ao poema, nas mãos  
infecundas agarrando a flor efémera,  
em formas tão escassas de ar;  
agarrando os dias interruptos de nada,  
em que a razão calcorreia a memória,  
solitária e erguida de cipreste,  
transpondo os céus como o verso,  
rasgando a terra em imortais faenas;  
a alma parte no largo embarcadero  
do tempo, pendula como estrela frígida  
entre a noite e o alvor sereno;  
destemperada e imensa, vozeia-se  
como o mar que canta, irremovível  
no seu silêncio inquieto, nos  
seus regressos infinitos;

II

Todo o pensamento corre para trás,  
na sua dança boleada e infinda,  
gravitando a luz que de si mesmo  
traça, na sombra de um desejo  
em fuga; as palavras abraçam-se  
na ardência do presente, furtiva  
presença que o poema espanta,  
no enlaço breve do momento antes  
a ser apenas tudo que seja; frágil  
como a alegria volúvel e de  
ninguém, que só se tem no  
embargo de amar, a vida ansiada  
e errante, a alma peregrina e  
incessante, de um caminho  
largo e sem chegar;

helena barbagelata



---

# das confissões de travesseiro I

Não desejo que teu copo seque  
Seu sorriso esmoreça  
Ou que vire pântano  
Abarrotar minha alma  
De seu corpo  
Amarrotar seu corpo  
Num vice versar  
louco

# epitáfio nº 1

Aqui jaz um homem  
Que gostava de descer a rua  
Se equilibrando no meio fio.  
Nunca entendeu de Wall Street,  
Mas no seu peito tocava uma orquestra de jazz.

bartolomeu pereira lucena



haicai

Onde você  
estacionou seus lábios  
depois da chuva?

Na quietude  
soam os passos  
de folhas secas

Neblina noturna  
sufoca a noite  
só eu respiro

Às vezes, quase dá  
pra ver o firmamento  
se movendo

yuri amaury



contos

# profissão: escritor

O raiar da madrugada começava finalmente a carregar as pálpebras com um desactualizado sono, mas estando possesso por um entusiástico delírio de criação não podia rejeitar a evidência da sua iminente inspiração artística. Estava a terminar o último capítulo do seu tão ambicionado romance, não que os outros não tivessem sido fruto de uma fervilhante ambição, mas este era o tal, aquele que o autor considerava a sua obra-prima. Logicamente que esta é uma sensação suspeita, pois após a conclusão de qualquer romance ou novela, entre outras iluminações, o escritor é recompensado com uns breves minutos orgásticos de sonho que colocam o Homem na posição de Deus. A auto-satisfação de ter criado algo de supostamente grandioso, o ansiado sentido da sua vida. Também é lógico que esta sacra ambiência se desvanece à medida que o tempo é ultrapassado por dispersas ideias que se vão concentrar num outro fio condutor. No final, nasce um novo romance, uma nova empreitada que vai ocupar um lugar neste redun-

dante ciclo. No entanto, com a placenta literária quase a explodir um novo filho, as palavras fluíam-lhe incessantemente e ele obrava-as com a eficácia de um mestre renascentista ao cinzelar a sua tosca pedra que esconde um anjo no interior. As gastas teclas do computador eram atacadas com a mesma intensa velocidade e dinâmica com que um ágil pianista dactilografa ao tocar do fundo da sua alma.

Por entre enganos e correcções ele mantinha a sua veemente caminhada através do mundo ficcional que ele mesmo criara. A última página acabava de ser terminada. O Sol exibia os seus finos traços, que trespassavam os orifícios da persiana e iam embater no armário das bebidas. Sim! Na verdade, depois do exaustivo esforço e dedicação do passado meio ano, duração de escrita do romance, após agonias e desmotivações, alegrias e convicções, só lhe apetecia seguir o conselho do Sol e festejar com uma imaculada embriaguez que o deixasse caído durante outro meio ano.

Em vez disso, enveredou por um estranho raciocínio que ia exactamente contra todas as reacções que esperava ter. Reflectiu acerca das personalidades a quem havia oferecido vida naquelas páginas. Caso ele não se tivesse proposto a elaborar o romance, elas nunca se-

---

riam notadas nem se suscitariam como alvo de apreciação por parte do futuro leitor. Nunca sequer haviam convivido intimamente com o espírito do próprio escritor, visto que ele não teria tido a preocupação de as fecundar.

Com um raiado magenta a ornamentar-lhe os olhos, saiu de casa num ímpeto de Napoleão que decide conquistar o Mundo, tendo como objectivo o prédio onde habitava o seu amigo e editor Rui Gomes, o qual lhe vinha a implorar nas passadas duas semanas a entrega da recente escritura.

A sua mulher ainda se deliciava com o morno prazer que os lençóis de flanela lhe causavam, mas não iria estranhar de forma alguma a ausência do companheiro, pois já conhecia bastante bem todas as contra-indicações de partilhar a casa e a vida com um escritor.

O homem das letras caminhou os cem metros que o distanciavam da paragem dos autocarros com a euforia de um adolescente que divaga para o seu primeiro encontro amoroso.

Por ele ser um verdadeiro escritor, e todos os verdadeiros escritores apreciarem as longas e reflectivas caminhadas, teria de deslocar-se desta interessante forma. Interessante para quem consegue sugar e dar uma utilidade (será que a Arte é útil?) à banalidade que

é caminhar e que a maioria das pessoas ignora. Podia, no entanto, ter aproveitado o carro dela, mas ela era senhora de um emprego sério, estável, rentável, e necessitaria da viatura para se locomover até ao local de trabalho, enquanto ele, no seu difuso Universo, poderia facilmente, e usufruindo mesmo, incutir-se no hemisfério de um transporte público.

Lá estava ele, de pé, inserido na matilha humana que também aguardava a chegada do transporte e que rangia os dentes quando alguma criatura, inocentemente, dava dois descuidados passos a mais e lhes usurpava o lugar na fila. Debaixo do seu braço direito embalava uma pasta de gasto cabedal castanho, onde seguiam as suas preciosas folhas.

A manhã parecia presenteá-lo com uma peculiar frescura que desaparecera há algum tempo das suas fatigantes manhãs, ou talvez fosse, obviamente, mais uma vez o despertar do sentimento da concretização. O Mundo podia instigá-lo à impaciência ou à raiva, com um longo atraso do autocarro ou qualquer dessas outras irritantes futilidades, que hoje não conseguiria arrancá-lo do seu elevado grau de dedicação. Havia algo maior, uma comunidade de meras folhas que eram responsáveis pela sua

alegria. O meio de transporte não falhou a sua peregrinação de atraso.

O autocarro estava sufocado de pessoas. Anónimas individualidades, personagens principais da história das suas vidas, e como ele gostava de classificá-las com suposições. Observá-las na ingenuidade de não perceberem que são objecto de estudo e trabalho para um outro estranho que partilha o mesmo percurso. Ao proceder à necessária gincana para conseguir um claustrofóbico canto onde pousar, deparou com um sujeito de meia-idade, bigode farfalhado e cabelo curto aos caracóis, ambos de tonalidade escura, que encarnava perfeitamente a personagem do psicólogo que actuava no seu recém-terminado livro. Esta era uma nova experiência na vida do artista e, para maior cativação, o dito sujeito emanava uma expressividade que o escritor não conseguira visionar durante o processo de recriação mental e era precisamente a que se enquadrava no personagem. Se fosse realizado um filme daquela história, aquele seria sem dúvida o actor mais que indicado.

Houve um fixo olhos-nos-olhos de cinco segundos, que foi encerrado pelo sócia do médico. Já sentado na zona central do autocarro, o autor digerira a ironia e coincidência que a situação lhe

transmitira. Era realmente bizarro e caricato para um escritor ser confrontado, em pleno transporte público, com uma personagem dos seus escritos. O que apetece é chegar junto da tal pessoa e perguntar-lhe pela neurótica mulher ou pela amante, ou como pensa resolver a situação do crime em que está envolvido, obtendo como satisfatória resposta uma cara de espanto e pânico. Claro está que o criador sabe com uma devida antecedência aquilo que irá acontecer ao seu criado, ou seja, o seu destino está traçado. Esta questão serviria apenas para divertir o escritor com uma demonstração de superioridade, em relação ao personagem. Aquele circunstancial homem era apenas a coincidência. A pergunta seria apenas uma infrutífera vontade impedida pelas leis da moral e da sanidade. Se é que existem escritores completamente sãos.

Impresso no seu rosto estava um subtil sorriso, incompreensível e despropositado para os restantes ocupantes. Nada disso importava, se ele quisesse podia soltar gargalhadas de loucura, ele era superior a todas aquelas pessoas que serviam algo ou alguém, enquanto ele gozava o poder de ambicionar estados mais elevados, como transformar ideias em palavras, e palavras em vidas.

A lenta viagem prosseguia sem



---

grandes relevâncias, as quais costumam acompanhar certas viagens onde os passageiros são ofertados com gratuitos espectáculos de verdadeiros palhaços.

De súbito, ao olhar pela janela, observou rapidamente uma rapariga de cabelo ruivo que se assemelhava bastante à figuração que ele fizera da filha mais velha do psicólogo. Aquela que, a certa altura, se envolve com um paciente do seu pai sem ter conhecimento de que esse é o caso mais complicado do seu progenitor. Foi neste momento que um fino e agudo golpe de gelo o arrepiou em calafrios dorsais.

Duas personagens encarnadas precisamente na manhã em que ele finalizara os seus escritos. Quase que começava a acreditar na veracidade da sua invenção. Estas coincidências (ou não, visto existir uma grande probabilidade em cada um de nós se identificar alguma ou várias vezes na vida, física ou psicologicamente, com personagens ficcionais) só lhe ampliavam ainda mais a felicidade que o possuía.

Saiu do autocarro, mas ainda assim tendo um longo caminho pela frente até alcançar a desejada casa, e aproveitou para tomar um breve pequeno-almoço no minúsculo café que ficava no caminho.

Cumprida a ligeira refeição, ele reiniciou a sua marcha, à qual falhou o digestivo cigarro final devido à exaustão de fumo com que a desperta noite o inundara e, tal era a ansiedade em mostrar o seu trabalho, que o tabaco ficou esquecido no espaço entre a última dentada no croissant e o pagamento da despesa.

Por esta altura, ignorando já o esplendoroso dia que o amanhecera, os seus pensamentos e reflexões desaguardavam somente para o facto de, tendo ele terminado os derradeiros escritos do livro nessa madrugada, como é que assim que saiu de casa começou a cruzar-se com os seus ainda frescos personagens? É claro que estas interrogações são aquelas para as quais os cientistas nunca encontrarão resposta, mas, provavelmente, cientes da sua ignorância, atribuiriam a explicação do fenómeno a qualquer assunto relacionado com genes e afins.

Apesar da infinidade de livros que o escritor possa escrever e da multiplicidade de temas que abordar, a fronteira entre o homem escritor e o homem social será sempre uma incógnita.

Desta forma, o seu percurso foi ambientado por um extremo estado de ausência que o impossibilitaria de fazer uma posterior descrição visual da cami-

caminhada. Mas aquele parecia ser o mágico conteúdo de uma obra-prima, o desbravar de uma virgem floresta ainda inexplorada pela mão do Homem. Precisaria somente de trabalhar cuidadosamente a ideia e transformá-la no expoente máximo da sua literatura.

Poderia ser a história de um escritor que, a certa altura, começa a encontrar os seus personagens nas ruas, chegando mesmo a estabelecer diálogo com eles, ao mesmo tempo que manipula as suas vidas. Este parece ser um óptimo conteúdo a explorar e transformar.

Escusado será dizer que o motivo que o conduzia para a casa do amigo editor estava agora silenciosamente sepultado debaixo do braço que o carregava. O seu recente livro era agora um enredo de desinteressantes intrigas ao ser comparado com esta última explosão de criatividade. Neste momento, o sequioso objectivo era despachar rapidamente o amontoado de papéis que trazia e voltar a casa para dar início à alquimia do seu novo trabalho.

Ao chegar a casa do amigo, que acolheu com satisfação o esperado documento da imaginação, despediu-se imediatamente sob a sincera desculpa de ter sido fulminado (abençoado) com o súbito aroma da inspiração, à qual ti-

nha de concretizar imediatamente os desígnios. O seu editor não estranhou, pois estava habituado a lidar com aquele tipo de personagens (ir)reais.

emanuel r. marques

---

# o elo invisível

Vi a tua boca. Ao longe. Sigo agora pelas ruas atrás dos teus passos. Uma mulher de saltos altos passa por mim, a tentar a elegância entre os calhaus desta noite tão escura. Hesito entre ti e ela. Decido por ti. O bar em que entraste tem anjos atrás das garrafas. Parece que entoam uma melodia divina.

Sento-me ao balcão e peço um whisky puro. Não, duas pedras, afinal. Vejo-te lá ao fundo, numa mesa com outras pessoas.

Não sabes de mim. Mas eu olho para ti. O meu whisky está quase a acabar. Talvez eu não esteja aqui a fazer nada. Mas olho para a tua boca e tudo se reorganiza.

Concentro-me no objectivo. Hoje és tu. Amanhã pode ser outra qualquer. Sem nenhum pretexto passo pela tua mesa. A tua boca sorri mas não é para mim. Volto ao balcão.

“Outro whisky por favor.”

Alguém carregou no pause e fica tudo em stand by. Tu e os teus amigos. Eu e o balcão. Menos a cinza e o fumo, sempre em mutação. Acendo mais um

cigarro no mesmo ponto em que o outro acabou. Fumar mata. Diz o maço. Mas eu não lhe ligo nenhuma.

E então tu levantas-te. Os meus olhos reabrem-se. Tudo retoma a velocidade normal, ou talvez o ritmo esteja um pouco acelerado. Diriges-te ao balcão. Tenho-te ao meu lado.

“Um vodka ananás, se faz favor...” diz a tua boca, cuidadosamente pintada de vermelho.

O barman prepara a tua bebida, enquanto esperas ao meu lado. Entram tambores na música dos anjos e fazem um barulho ensurdecador. Olho para o whisky... Pelo canto do olho vejo outra vez aquela que é a tua boca. Aquela que espera pelo vodka.

Fazes de conta que não, mas eu sei que já me viste. Os meus olhos passam do meu whisky para a tua bebida. Da tua bebida para os teus lábios, que a sorvem pela primeira vez. Dos teus lábios para a tua garganta, por onde o líquido agora escorre. Da tua garganta para a tua voz, a dizer

“Obrigada!”

E dás meia volta com o copo na mão, ao mesmo tempo que os teus olhos passam semicerrados por mim. Eu sei que já me viste. Não te preocupes que eu espero. Não te preocupes que eu espero por ti.

São mais cinco whiskies antes disto fechar e tu saíres pela porta, onde quase tropeças por causa do vodka. Alguém te ampara o caminho e a tua boca ri. Eu vou com vocês um pouco mais atrás. Há entre mim e o vosso grupo um equilíbrio frágil, promovido unicamente por mim. Um elo invisível, do qual só eu me apercebo. Não te preocupes que eu olho por ti. Finges que não, mas sabes que olho por ti.

Caminhamos. De todos os barulhos só oiço o som da tua voz. Isto está a chegar ao fim. A rua prestes a acabar e tu dizes-lhes adeus com um beijo que envias pelo ar através da palma da tua mão. Voltas a rodopiar como quando estavas no bar e os teus olhos, mais uma vez, passam por mim. Eu sei que tu sabes que eu olho por ti.

Sigo-te até ao carro, serenamente, como está combinado pelos anjos. Não encontras as chaves na mala. E sentes que estou mesmo atrás de ti. Agora, que as encontraste, já sentes a minha respiração perto da tua nuca, onde alguns cabelos dourados se soltam do elástico que os prende. E o molho de chaves faz um ruído metálico ao cair, assustado, no chão.

Sou eu que te agarro e às chaves também. Sou eu que abro a porta do teu carro enquanto dizes não. Sou eu

que abafo os teus gritos ao beijar com força a tua boca. A mesma força que te despe. Fazes de conta que não. Mas eu sei que tu também queres.

patrícia maia

---

# inventarian- do giscard geunet

Meu trabalho é inventariar defuntos. De todas as ingratas profissões surgidas com a guerra, a minha pode ser contada entre as mais tediosas e desprovidas de interesse. Gastar a vida com cadáveres (e ainda por cima uniformizados) é como viver cercado de coisas inertes, silenciosas, às quais a última demonstração de respeito poderia ser uma sepultura, todavia impossível. Minha tarefa dispensa ferramentas sofisticadas. Tenho à minha disposição uma prancheta, um caderno, um lápis, uma caneta-tinteiro, que carrego somente por questão de consciência (que funcionário do grande exército não carrega consigo uma delas?), alfarrábios de outras guerras (a título de comparação numérica) e vinte lacaios de raia-miúda encarregados de identificar, nome por nome, os que caíram por nossa bandeira. São eles, em verdade, que perambulam pelos terrenos desolados das batalhas. Reservo-me a simples tabulação

das desgraças e alcunhas dos pobres coitados que encontramos nas mais diversas situações.

Nome, divisão, membro amputado ou ferimento profundo com o qual foi encontrado: estas são as categorias com que componho minhas infindáveis listas. De fato, somos nós, contadores de mortos, bastante ineficientes. Já tivemos épocas melhores. Nestas guerras de hoje, infelizmente, chegamos num dia no campo de batalha e, impossibilitados de completar nosso trabalho ao longo de um ciclo completo de sol, temos de deixar o território sempre incompletamente cartografado, pois a frequência das matanças a registrar é mais rápida que nosso trabalho contábil.

Ontem vimos um homem coberto pelas vísceras do seu cavalo. Como meus subordinados não encontraram qualquer referência do seu nome, procedência ou vinculação regimentar, o chamamos de “centauro”. Quando servi na campanha peninsular, um basco a nosso serviço me disse que, para o seu brioso povo, tudo o que existe, se existe, tem um nome. É esta lógica que procuro aplicar àqueles que encontramos sem ter como chamá-los. Mesmo à força e jocosamente, criamos alcunhas.

Já estamos muito longe da pátria.

Tanto no tempo quanto no espaço. Sinto, às vezes, que meu trabalho já não faz o menor sentido. Pouco importa. Tama-  
nha guerra e tão numerosas mortes já  
eximiram os homens de procurar qual-  
quer explicação. Para qualquer coisa.  
Guerras simplesmente acontecem, as-  
sim como simplesmente existe o enfa-  
donho trabalho de contar aqueles que  
têm suas vidas ceifadas por ela.

Há, entretanto certa recorrência  
que me perturba. Kovno, Vilnus, Smor-  
goni, Molodezno, Polosk e Minsk: em  
todos estes campos de batalha – con-  
fesso: uns melhores inventariados que  
outros – há sempre o mesmo soldado  
“Jeunet, Giscard, 4ª div. Inf.” para ser con-  
tabilizado. É impossível que seja sempre  
o mesmo, embora seja igualmente difí-  
cil acreditar que toda uma divisão do  
exército napoleônico possua o mesmo  
nome. “A França é grande”, pensava eu  
a cada novo achado, “é natural que duas  
ou mais pessoas tenham nomes iguais”.  
E assim prosseguia a contagem, sem  
que a minha confiança no tédio das leis  
universais fosse quebrada.

Ao cruzar a fronteira da Rússia  
branca, avançando pelas planícies de  
Smolensk, passamos a encontrar não  
um, mas vários Giscard Jeunet nas deso-  
lações inventariadas. Em Dukhovshnina  
eram apenas dois. Reafirmamos, eu e os

laciaios, embora titubeantes, que coin-  
cidências acontecem. Em Wizma, logo  
em seguida, quatro; em Dorogobouge,  
oito; em Chjat, trinta e dois. Às margens  
do rio Moscowa, dos nossos dez mil sol-  
dados caídos, duzentos e cinquenta e  
seis chamavam-se Giscard Jeunet. Pró-  
ximo ao pequeno barranco em que me  
escorava, incrédulo, para confeccionar  
as tabelas do desastre, encontrava-se  
uma pilha de oito Giscard Jeunets. Eles  
se amontoavam com a falta de elegân-  
cia própria aos defuntos insepultos. Tive  
vontade de entregar-me a Deus e inci-  
nerar meus relatórios sem propósito: de  
que vale ao mundo a reiteração numé-  
rica da morte de um mesmo indivíduo?

No acampamento seguinte, não  
me furtei a procurar, entre os soldados  
vivos, aqueles que posteriormente en-  
contraria com a graça de Giscard Jeunet.  
Nenhum deles respondeu ao nome  
maldito. Nem mesmo aqueles que, feri-  
dos de morte no hospital de campanha,  
se assemelhavam-se ao Giscard Jeunet  
de todas as batalhas grassadas. Tive  
ainda de substituir dois de meus laciaios  
neste acampamento. Um deles deser-  
tou da companhia ao delirar, cambale-  
ante sobre a neve, que Giscard Jeunet  
anunciava a chegada do anticristo. O  
outro se perdeu numa floresta e grita-  
va, a plenos pulmões: “Matem-me, bár-

---

baros, pois sou Giscard Jeunet!”

Calculo (considerando que venceremos a guerra) que até chegarmos a Moscou serão ao todo 8.192 Giscard Jeunets a serem contabilizados. Isto, claro, se nenhuma outra batalha for travada entre nossa posição atual e a capital da Grande Rússia. Através do modelo estatístico por mim desenvolvido, o número de homônimos a serem encontrados na batalha futura é o resultado da multiplicação de Giscard Jeunets da batalha presente pelo número de Giscard Jeunets da batalha anterior. Isto, claro, tomando-se em consideração apenas os campos inventariados por mim. Sabe-se lá se nos outros flancos muitos outros Giscard Jeunets não são encontrados por meus colegas seguindo algoritmos diferentes.

Temo, entretanto, que antes de penetrarmos os subúrbios de Moscou toda a Europa sob bandeira napoleônica se torne Giscard Jeunet. De alguma forma muito estranha já me sinto um deles. Giscard Jeunet entre Giscard Jeunets, esvaziando de mim o que resta de meu nome (já nem o lembro mais) com a mesma velocidade que avança, desde a linha do horizonte, uma companhia de cossacos.

caetano sordi

## quem se importa?

Eu sei, prometi que um dia escreveria um poema com teu nome, te descreveria assim, mas tá complicado de encaixar as malditas rimas e construir uma estrutura bela que esteja a tua altura. Tudo que tenho são vacuidades no olhar, imensidão de textos inacabados e todas as contas a pagar dos meses de julho, agosto e setembro. Semana passada fugi de um cobrador histérico, ali na Rua da Praia, sabe? De repente me vi correndo desesperadamente tentando esquivar dos transeuntes apressados e dos vendedores que se espalham, se amontoam por ali, é nessas horas que a gente deseja uma bicicleta. Ah! Não pude deixar barato, tive de reagir. Desonrar a memória dos meus antepassados na frente do meu irmão, em pleno bar. Comecei quebrando todos copos e garrafas da nossa mesa, atirando-os ao chão, tentando acompanhar o ritmo da música ambiente, não deu certo. Depois, quebrei minuciosamente todos quadros com o melhor taco de sinuca da casa, o qual roubei. Pulei o balcão e, entre goles de Jack Daniels, atirei na

parede oposta todas garrafas de bebidas que não me agradam. Após, fui para a cozinha e pedi pra dona Neusa sair dali que o estrago seria grande. Fiz tudo calmamente, com a serenidade de um monge zen-budista, pra não perder a razão. Nessa altura do meu desvario os clientes já haviam abandonado o local, com medo, pânico e curiosidade. Meu olhar não perdeu sua vacuidade habitual, mas minhas mãos pararam de tremer por alguns instantes. Jamais senti remorso, sentimento dos fracos e mentirosos. O cobrador, dono do recinto, conhecido como Darci, se encontrava escondido no banheiro, ligando pra polícia. Arranquei o celular de suas mãos, atirei no vaso e dei descarga. O infeliz era incapaz de me encarar nos olhos. Pudera eu, aos 22, ver aquele senhor aos 44 chorando feito um guri de 8, lamentei sua fraqueza e sentenciei pausadamente baixinho ao seu ouvido com ar augusto e voz levemente rouca: “Fecha essa espelunca, calcula quanto te devo incluindo os estragos de hoje, amanhã de manhã a gente acerta.” Não me disse nada, só concordou com a cabeça. Percebi que, naquele momento, o que o velho mais desejava era que eu fosse embora e nunca mais surgisse em sua vida. Pensei em algum tipo de tortura sádica e psicológica, mas só pensei,

pobre velhote, a cara judiada pela vida desregrada e sofrida, uma vida de merda, pobre velhote. Fui embora com um sorriso malicioso no rosto, meu taco de sinuca debaixo do braço e todas as contas a pagar dos meses de julho, agosto e setembro e mais a conta do estrago no bar do Darci, naquela tarde chuvosa de outubro, sem o interesse de buscar novos rumos, novos ares e destinos, pouco me importava pra que lado ficava a longa estrada para a liberdade, solidão, só queria chegar em casa. Cheguei, servi um copo de Jack, acendi um cigarro e fui pra janela pensar. A vida é engraçada. A vida é a única coisa que todos temos em comum, cada um com a sua. Escrever é uma atividade como qualquer outra, é como engraxar um sapato, tocar um instrumento, julgar um pobre diabo no banco dos réus, lapidar umas palavras, afiar com esmero minhas frases, mergulhar de cabeça no possível título insólito deste conto. É, eu dou título por último às minhas obras. Quem se importa?

henrique ribeiro da silva



---

# o homem com 33 andares na cabeça

Vinte e quatro anos mais tarde, eu havia de recordar-me, algo envergonhado e meio a rir-me, das circunstâncias da minha chegada à cidade, vindo da aldeia que me viu nascer. Para mim, Maputo afigurava-se, ao mesmo tempo, como um lugar estranho e conhecido, de tanto ouvir o meu tio João contar na aldeia, em noites de lua cheia, histórias das suas amplas casas sobrepostas, um autêntico amontoado de pedra sem igual.

Muitos anos mais tarde, vim a saber que a aldeia fora a pior coisa que podia ter surgido na vida do meu pai, ao despegar-lhe da terra dos seus ancestrais, onde nascera e sepultara os pais, os avôs, os bisavôs e toda a sua pro génie, não mais voltou a ser o mesmo. Passou a andar taciturno, macambúzio, juntinho às paredes, qual assombração

à procura de qualquer corpo perdido entre as casas. Minha mãe deixou de contar com o marido para o que quer que fosse, titio passou a cuidar dela, enchendo-lhe o âmago de vaidades:

— Meu irmão é gente grande, lá em Maputo... Oficial dos exércitos! — Gabava-se a minha mãe, sempre que se referia ao tio João, em conversa com outras aldeãs.

Quando ele ia ao povoado visitar-nos, falava do prédio 33 andares, a mais alta construção da cidade de Maputo, no qual morava. Enquanto narrava, eu olhava para o céu, com o dedinho em riste a contar estrelas, fingindo ser cada uma delas, uma das casas do prédio.

— Eh, não conta as estrelas! Queres fazer xixi na cama?— Berrava a minha mãe, arrebatando-me o dedo. Acto contínuo, eu meneava a cabeça e respondia-lhe negativamente. Mas, logo a seguir, levantava novamente os olhos, redondinhos a contemplar a imensidão e, em segredo, perdia-me a somar estrelas até atingir o 33º andar.

— E as pessoas vão como, lá para a última casa, titio? Passam assim, a andar na boa, pelas casas uns dos outros?

— Nada, sobrinho! Usam o elevador. Ou as escadas, nos dias sem energia!

— O que é um elevador? Escadas?

O que é energia?

Aí, o meu tio complicava-me muito mais a cabeça, com explicações que eu não conseguia entender. Quando começava a parecer que a minha cachola estava a fundir, fritarem-se-me os miolos todos, eu fingia ter compreendido, evitando assim dar em doido de sair a entoar doidices pelos caminhos da aldeia, igual ao velho John Nyansala.

— Um dia desses chamo-te. Irás conhecer a cidade!

O meu tio, homem de palavra, não igual a salamandra, ou os políticos com duas línguas, cada uma a falar a sua própria coisa sobre o mesmo assunto, nas férias de fim-de-ano seguintes, mandou uma carta e dinheiro de avião. A minha vinda a Maputo era já uma questão de pouco tempo. No ano lectivo prestes a iniciar, eu devia entrar no secundário.

A minha mãe tinha ouvido dizer, não sei de quem, que em Maputo havia falta de gás, lenha e carvão. Viviam-se tempos difíceis, de seca, guerra e fome. Ela lembrou-se de mandar uma lembrança para o irmão, o meu tio João.

Nunca vim a saber exatamente como, mas a minha previdente mãezinha conseguiu pôr-me a viajar de avião, com uma bagagem algo invulgar no porão: um saco de carvão, que ficou a girar sem fim no tapete rolante do aéro-

porto, desencontrando-se, sempre, do próprio dono. A vergonha não deixou o meu tio aproximar-se do saco, quando eu, todo enfunado de orgulho, aponte para o carbónico combustível:

— É o nosso saco de carvão, titio. A mamã mandou para a tia Hawa!

Tia Hawa era a esposa do titio. O casal tinha-se conhecido no convento onde ela se recolhera para seguir sua vocação de Fé. Sonhava ser freira, levar uma vida restrita, Deus e ela, alheia a qualquer manifestação do mundo pecaminoso cá de fora. Mas, a guerra, insana que é, programou um ataque ao convento. Soldados de ambas as partes saíam da contenda com mulheres troféus. Ao tio João coube a menina Hawa, desvirginada por ele naquela mesma noite, prene de punhais a rasgar os eclesiásticos paramentos.

— É o nosso saco de carvão, titio!

— Esquece o saco. Vamos ver o prédio!

— Aquele, de 33 andares, onde o titio mora?

Não havia como o saco não ficar abandonado no tapete. Voei quilómetros e quilómetros, na cabeça só a expectativa de ver as casas sobrepostas, pedra sobre pedra, quase a roçar o céu.

Entrámos na viatura, de marca Lada, do serviço do tio João, e fomos

---

deslizando até ao prédio. Já no elevador, ele carregou no botão 22. Senti um pequeno abanão, mas titio tratou logo de avisar:

— Já estamos a subir!

— O motorista está aonde? É como no avião, titio, onde o piloto não se vê? Daí passaram algumas semanas, e só então percebi, o porquê de o meu tio tanto se rir, quase a sufocar pela impetuosidade das gargalhadas. A tia Hawa, zelosa que era, tratou de lhe dar logo dois copos de água gelada, para estancar a crise da avulsa risada.

Depois, passaram-se mais dois ou três anos, antes da assinatura dos Acordos de Roma. As armas calaram-se. A guerra acabou e muitos militares ficaram sem trabalho. Foram desmobilizados e o titio ficou sem emprego.

Começou o negócio de casas, uma espécie de reversão das conquistas do povo para a burguesia, anos antes perseguida como uma matilha de sarnentos.

O tio João desembarçou-se da sua flat, a troco do cacau desembolsado por um banyane, indo gastá-lo junto da minha mãe, lá na aldeia.

Tia Hawa e eu deixámo-nos ficar por aqui, em Maputo, porque já não podíamos, nem podemos, viver longe do 33 andares. O meu grande amor à pri-

meira vista! Ela tinha os seus próprios motivos, alguns traumas impediam-na de pensar sequer em voltar a morar numa aldeia, cicatrizes da guerra...

Eu, todos os dias, vendendo bugigangas pelas artérias da cidade, ambulante, fatigado, deixo-me descansar nas escadas do prédio, tentando adivinhar como estará a antiga flat do meu tio João. Releio pela sexta vez uma linha da carta que a minha mãe expedira-me através de um amigo de titio: “John Nyansala é teu pai.” Reli de novo: “John Nyansala é teu pai.” Outra vez, a missiva gritando-me a mesma verdade nos olhos: “John Nyansala é teu pai! John Nyansala é teu pai! John Nyansala é teu pai!” Choro de raiva, enquanto me afluem à memória imagens do meu primeiro dia de aulas. À saída da escola, em conluio com um bando de outros meninos, rodávamos, em torno de um homem quase andrajoso, a cantarolar:

“John Nyansala, we, we!  
John Nyansala, we, we!  
John Nyansala, we, we!  
John Nyansala,  
John Nyansala,  
John Nyansala,  
John Nyansala, we, we, we, we!”

Até hoje, ainda sinto o trovão da

bofetada que a minha mãe me descarregou na face, uma bolacha dada com os olhos marejados de lágrimas, a contrastarem com os das mães dos outros meninos, todas alegres ao chamar os filhos e divertindo-se também com a canção de John Nyansala. Releio o parágrafo seguinte da carta. “Hoje fazes 25 anos. És homem feito e já posso contar-te. Sei que merecias um outro presente. Mas, Deus é que sabe. Quando viemos morar aqui, na aldeia comunal, acabavas de vir ao mundo, apenas com uns dois ou três meses de idade. O teu pai não queria vir, porque, vir para aqui, significava abandonar a sua machamba, principalmente as campos dos pais e avós. Só de pensar nisso, doía-lhe muito no coração. Magoava-o deveras, ao ponto de a dor lhe encher o peito de amargura. Tanta que cresceu e lhe subiu à cabeça. Depois ficou doente do juízo, maluco, mas é o teu pai. Desculpa a chapada que te dei lá na escola. Imagino que não te tenhas esquecido. Perdoas? ”

Adormeço, embalado pela fragrância das acácias em flor, a misturar-se no ar com o amoníaco a evoluar da urina que corre pelos passeios. O guarda do prédio vem acordar-me, quase na hora do último autocarro para o Zimpeto, onde vou completar o sonho do 33 andares.

Tia Hawa é que parecia ter dado com diferente sina. De quando em quando, via-a bamboleando as ancas, bunda roliça e pernas torneadas, corada, numa espécie de génio de santa e belzebu, subindo escada acima até uma das casas do prédio, onde matava a saudade dos tempos em que era dona Hawa.

Agora, quase galinha de pagar e comer, ao gosto do freguês, louco de libidinosos desejos. Mas, não para todo o sempre! Pois, um dia destes, desceu voando da varanda do arranha-céus.

Minutos depois, o guarda diria à polícia ter apenas ouvido uma voz gritando da varanda de uma das flats: “Puta de merda, atirou-se do prédio!”

aurélio furdela

---

# turvação

Já sou velho. Não bebo mais aquela água. O córrego, que passa bem no meio da cidade, saciava minha sede. Como uma turvação mental daquelas boiadas. Aquele ribeiro fartava-me. Faz tanto tempo. Em época remota, vejo (e rememoro) o remorso daquelas ruas. Reflito aquela água. Os ponteiros passaram.

Uma água tão suja fartava, só não lembro a quem. Pareciam ser tantas pessoas, puxadas por seus bois, a mergulhar naquela água com magnificência e alegria. Sentado num banco, via que tudo parecera manter-se igual. As construções mantinham-se velhas. Como as árvores no mesmo lugar, as três pichações no muro se inventaram.

Estou velho, resta pouco tempo. Beber aquela água, mesmo que suja, dilucidara-me. Vejo a segunda infância daqueles que mergulhavam naquele ribeiro. Cada qual, face de uma só. Eram a mesma criatura e, em cada face, uma verdade; reflexo de um todo. Andando trôpega, aquela alma velha seguia. Regenerada. É aqui que acaba?

rafael batista

# rio das almas

*Nuestras vidas son los rios  
Que van dar en la mar*

(Jorge Manrique, Coplas a la muerte de su padre)

O primeiro contato com a água era um divisor natural. O frio trazia um desconforto que, se não era insuportável, fazia-se notar: não está mais em sua casa. Lucas e Marcos seguiam o ritual: primeiro mergulhavam para acostumar com a temperatura da água, depois buscavam a boia que haviam deixado em terra firme. A boia era preta e com o formato de uma câmara de ar, dessas de carro, e tinha esse formato justamente porque era uma câmara de ar de trator. Nada de diferente, quase todos os meninos tinham uma dessas para descer o rio, os que não tinham dividiam com algum amigo. Há algum tempo o avô de Lucas arrumara a boia para o neto, que logo chamou Marcos para descerem juntos as corredeiras do rio. Desde esse dia era a mesma coisa, pegavam a estrada do Calipá, seguiam até a ponte, de lá começavam a descer o rio. Iam contando, uma, duas, na terceira ponte

aportavam de volta.

Assim faziam todos os meninos. O pai de João avisara, outros também avisavam: depois da terceira ponte não se volta, o rio cresce em corredeiras mais violentas e nenhuma ponte surge para o sossego. Parar? Só seguindo muito, muito, que se chega à rodovia, mas até lá... Outros pais não diziam nada, não porque discordassem das coordenadas, mas porque discordavam da brincadeira. O rio tinha uns vinte metros de largura; variava muito. Em época de cheia, só os meninos mais velhos é que tinham coragem de descer a correnteza de boia; mesmo para mergulhar da ponte o rio ficava perigoso. Diziam que o filho de seu Inácio sumira descendo o rio em sua boia, finais de março, nunca voltou. Foi um choque na cidade, o menino, tão bom, dizia o pai que seria engenheiro, construía o prédio novo da prefeitura, a reforma da ponte também ficaria por conta do menino, grande engenheiro feito, que o pai, esses problemas, em sua cabeça já tinha tudo resolvido. Outro que contavam a morte no rio era o bêbado Zé-Gato. Pulou, falavam, bêbado inteiro, mergulhão da ponte, épocas de seca, nem água suficiente tinha pra receber gente, quem viu o corpo não gostava de falar. Outros tantos tinham perdido a vida no correr daquele rio,

que assim, batizado Rio Branco, acabou ficando Rio das Almas.

Molhados os dois, era hora de pegar a boia. A regra era ficar cada um de um lado: pesavam quase a mesma coisa e assim a embarcação improvisada, que tinha como maior defeito a falta de prumo, permanecia equilibrada.

— Marcos, rema aí pra virar um pouco. Estou descendo de lado.

Seguiam assim os primeiros movimentos na água, ordenando a descida. O principal, pensavam, é ordenar logo o começo – viagem começando enviesada terminava nem se sabe como. Tinham mesmo essa confiança, de que todo o rumo da viagem pautava-se pelo seu começo.

— Mais, Marcos, estamos descendo de lado, daqui a pouco estamos de costas e nem passamos da primeira ponte.

Era uma espécie de decolagem. Só depois de aprumada a boia, tomados os lugares corretamente, bico à frente seguindo em trajetória navegável, só aí podiam os dois relaxar. Não sei dos outros meninos como funcionavam as viagens pelo Rio das Almas, se era assim tudo tão determinado pelo anterior, mas Lucas e Marcos, esses dois sim, que se não cruzavam a primeira ponte já totalmente aconchegados como de cos-

---

tume, eram bem capazes de remar até a margem, subir o leito do rio e começar tudo de novo. Mania, alguns dirão. Mas entendo. Havia a avó do Lucas, que bordava muito, até vendia os bordados prontos. Pois a avó do Lucas bordava sempre do mesmo jeito: descia as escadas de casa, pegava um copo de suco, subia as escadas, ajeitava as almofadas do sofá, sentava e começava. O primeiro ponto, dizia ela certa vez que Lucas quis aprender a bordar – escondido de todo mundo, é claro –, é o mais importante. O neto não entendeu muito bem, a avó explicou. Errando o último, conserta-se o último. Errando o primeiro, conserta-se o último, o penúltimo e todos os outros também. O primeiro ponto do bordado definia como seriam todos os outros. O primeiro ponto faz a toalha, dizia a avó. Lucas entendeu, até concordava, mas aí a seguir tanto assim? Via das dúvidas, certo dia contou ao amigo. Marcos tinha em sua casa uma toalha bordada e presenteada por dona Leonor, avó do amigo; nas laterais da toalha flores azuis recebiam pequenos pássaros alaranjados de asas abertas. Amava aquela toalha, nem sabia o porquê. Tão logo o amigo contou das manias da avó na hora de bordar, Marcos decidiu que assim é que navegariam.

lçar as âncoras, homens, aprumar

a embarcação em seu rumo, isso faz o navegante, que assim está quase tudo resolvido. O movimento das águas é de conhecimento, sempre abaixo, rio vai sempre ao mar. Não se luta contra a correnteza, mas dela se aproveita.

— Viramos muito, Lucas, põe a mão na água. Volta um pouco, já está quase reto.

Uma remada com a perna aqui, uma instrução ali, estavam já no prumo, seguindo direitinho correnteza abaixo. Aí vinha o calor, o corpo empapado pela mistura de suor e água doce. Outros ali se jogariam da boia, batendo as pernas com força e esparramando água, mas os dois não podiam perder o rumo que com tanta dificuldade encontraram. Com as mãos faziam conchas que enchiam com água do rio, depois levavam as mãos ao rosto, ao peito, aos braços. O calor era assim, o primeiro a chegar depois de tudo feito; depois dele vinham os pensamentos, depois a conversa. Assim seguia.

— Por que você não saiu ontem? Ficamos lá na rua, a quadra estava fechada.

— Meu pai. Chegou em casa irritado. Logo que me viu começou a falação. Dever, cadê? Pensa que é tudo brincadeira? Nada de rua, pode ir pro seu quarto fazer a lição.

— Mas se nem tinha lição.

— Da próxima vez você passa lá pra avisar ele, então.

— Foda! Ainda bem que meu pai trabalha longe. Quando chega só quer saber de perguntar como vai tudo. Pede pra eu ficar em casa, aproveitar a companhia dele, digo que volto mais cedo, não volto, e ele nem bravo não fica.

— Como eu queria que fosse assim em casa também, podia ir meu pai e minha mãe, que é outra.

— Brigar mesmo só em final de ano. Dá uns dez dias meu pai já começa a perder a saudade, e aí fica como se morasse com a gente. Mas logo passa e ele tem que voltar para trabalhar.

— Inveja...

O silêncio desceu repentinamente, sabiam o porquê. Lucas virou o rosto para o lado; olhava tudo como se fosse pela última vez, ainda que não fosse. Provavelmente voltaria ali, ir embora só ia no começo do ano, mas, mesmo assim, sentia-se diferente, tudo era despedida. Começou a passar os dedos pela água, olhando fixo para baixo, aproveitava a limpidez daquela parte do rio para procurar algum peixe, pequeno que fosse – não eram águas naturais, rio mesmo? Deveria ter peixe, outro animal que fosse, mas nada aparecia, como sempre.

Nisso ia pensando Lucas, mas pen-

sava lá atrás, numa maneira engraçada de pensar dividido, se concentrava em procurar os peixes, em analisar o porquê de nunca encontrar peixes em um rio como aquele, tanto já ouvira elogiarem a pescaria naquelas águas, tentava definir quais espécies por ali deviam habitar: tilápia, piapara, pacu, corvina, manjuba, tucunaré e até mesmo pintado diziam já ter pescado. Nunca vira nenhum, vira já uma lontra certa vez. Como riram! O bicho botava a cabeça pra fora, rápido mergulhava e sumia, mal se via a água mexer; procuravam, procuravam, quando viam surgia de novo, mesma cara de malandra, lá quase vinte metros de distância. Como riram, ia pensando Lucas, mas lá no fundo evitava pensar naquilo, esquece, é que ziguezagueava, pra quê. Viram passar vagorosamente a primeira ponte.

Os garotos aproveitavam a brisa que corria entre as árvores crescidas no leito do rio. O sol já não castigava como há pouco, às vezes até sumia por um tempo, atrás de alguma nuvem ou ofuscado pelo folharal uníssono que tomava as duas margens. O rio descia menos preguiçoso, começava já a engrenar corredeira em algumas partes, pouco ainda. Entre os galhos das árvores, um bando de urubus voava em círculos formando revoadas de sombra nas águas



---

um pouco mais escuras do rio. Às vezes um deles empoleirava-se, ficava acompanhando o voo do resto do grupo, parecia que apreciava. Aí o urubu cansava-se, com força arremessava o corpo ao ar fazendo tremer o galho vacilante sob seu peso, batia uma, no máximo duas vezes as asas e adentrava o círculo de voar tão leve; parecia que esperavam-no, já orquestrando sua chegada, evitando a sua solidão.

— Esses bichos voam, voam, nem mexem as asas.

— Pois é. E nem pequenos não são. Olha aquele ali.

— Um boi.

— É.

Assim seguia o assunto. Parado. Marcos fazia menção de falar, virava a cabeça pra Lucas, que já esperava o comentário do amigo, preparava o seu. Nada vinha na cabeça. Falar do quê? Corria rapidamente qualquer assunto: escola, futebol, aquela menina nova na sala, aquela outra que todo mundo sabia gostava do Lucas, dizem que ela já comentava com as amigas da ida do garoto. Aí lembrava; pronto! Que todo assunto atravessava uma linha tênue, isso pode, isso não, e era já o isso não, o próprio ato de negar, que trazia em si mesmo o assunto: Lucas ia morar com o pai.

Passaram pela segunda ponte.

A correnteza corria mais depressa, a tarde já devia estar bem adiantada. Os dois começaram a prestar mais atenção no movimento da boia, firmavam os pés na água tentando diminuir a velocidade quando alguma curva mais acentuada surgia à frente. Iam guiando confiantes, conheciam cada curva, banco de areia, ou mesmo galho encoberto pelas águas daquele rio. Silencioso, suave, singelo mesmo, o Das Almas, como às vezes resumiam, seguia seu percurso até o mar com delicadeza; mesmo sua fúria, que não era pouca, seguia essa ordenação das coisas, essa tranquilidade que não mudava nem mesmo quando a correnteza era violenta. Quando as chuvas de final de verão estouravam trovejando sobre sua superfície, ele aceitava com sobriedade esse lufar de vida nova, trepidava um pouco, chacoalhava-se aumentando o espetáculo, mostrando ao céu que espelho é o mar: o Das Almas tinha lá suas personalidades. Era também genioso, que dele fizessem pouco isso é que não aceitava, mas seu estilo era sempre singelo – assim descia todas aquelas terras para chegar ao mar. Calmo mesmo na fúria, contundente mesmo na placidez:

— Olha!

O berro de Lucas foi tão alto, tão repen-

tino e inesperado, que Marcos quase foi boia abaixo. Alguns urubus já meio dormidos sobre as árvores se espantaram, tremeram os galhos derrubando que houvesse de frutas e folhas já meio soltas.

— Quê foi, Lucas, precisa gritar assim? Viu um jacaré por acaso?

— Olha!

Só isso conseguia falar Lucas, repetindo as palavras e os gestos. Imóvel, apontava para a água. Marcos se apoiou e com cuidado levantou o pescoço, esticando-se para procurar o que o amigo apontava. Entre as águas refratárias e amarronzadas esgueirava-se um amarelo vivo, tingido das cores tristes do rio. Foi levantando mais, pode ver bem o que o amigo gritara, que tamanho, nunca vira algo assim: era um dourado!

— Nossa!

Imperceptivelmente, Marcos começou a puxar os pés para cima da boia. Sabia que dourado não comia gente, era óbvio, comia turiva, curimbatá, sarapó; naquele rio provavelmente mais manjuba, piapara e lambari, mas não gente. Era óbvio, até ridículo, sabia, mas o bicho, quase um metro, de repente parecia ser o dono do rio. Não do rio como um todo, leito, árvores e animais ao redor, nem mesmo pássaros voantes sobre as margens, era do outro lado do rio

que o dourado assomava reinante, do lado de dentro, do entre-águas. Marcos vacilou foi ante essa ideia. Todo o negro mundo sob seus pés, a areia fina, mas barrenta que se abria finamente para as raízes encharcadas das pequenas algas e plantas aquáticas, os peixes e pequenos animais, tão nanicos, brigando para deixar que o outro, e não ele, virasse comida para aqueles que, ainda longe de serem grandes, eram maiores. E aí os que ficavam mediando, piau passava engolindo coisa que fosse, inseto ou fruta, com aquela boca pequena, e olhando lá pra cima, estranhando de repente aquela sombra que se projetava; viam todos só a barriga, nem amarela era, tremiam todos, nadava vagabundo e arrogante aquele gigantesco dourado. Isso pensou Marcos, tirou quase que como tique os pés da água.

Lucas não lembrou de piau nenhum, corvina, inseto ou o que fosse, por ali esses nunca passaram; admirava aquele dourado como se fosse ele mesmo. Um peixe naquele rio, o peixe daquele rio, sendo que por isso tanto esperara. Acompanhava os movimentos calmos do bicho com os olhos arregalados, nem falar mais não conseguia. Sentiu-se preso ao rio, àquele lugar, dali não podia sair: era já ele mesmo o peixe, o dourado que reinava aquelas águas;

---

nada ali era capaz de causar-lhe apreensão, tinha quase um metro, era naquelas águas calmas que deveria continuar.

Mas aí é que vinha o desespero, tantos anos esperando pra ver o peixe, agora ali ao seu lado vagava tranquilo um dourado, quase um metro devia ter, e a boia não parava. A correnteza não parava, continuavam descendo. Anos esperando e agora parecia que ninguém lembrava, nada esperava, foi se desesperando, mudo ainda. Marcos ao seu lado também observava o peixe, começava já a virar a boia tanto o menino se levantava para procurar o bicho que cada vez mais distanciava. A cor amarelada foi fugindo, o dourado foi se tornando fosco, meio cinza, já depois marrom, marrom, marrom, sumiu nas águas. Lucas ficou-se paralisado, o olhar perdido focava o rio que já passara. Olhando para trás o menino se angustiava pensando que o peixe continuava lá, era culpa da correnteza, nem havia maneira de lá continuar – quem partia era ele mesmo. A letargia foi virando ódio, que tinha ele que ver com o movimento das águas? Se o rio procurava o mar, problema era dele? Queria ficar lá com o dourado; ele, Marcos e o peixe. Sempre só os três, assim desejava. A boia segue a correnteza, que segue o declive, que ruma ao mar... e ele

que tinha a ver com isso? Alguém perguntara se concordava? Se preferia as águas marrons do Das Almas indo para o mar ou para o coreto da praça tocar zabumba? Isso lá foi com ele decidido? Ocorreu votação? Pois se ocorreu não votara, pra ele não servia. Queria mesmo fosse à merda tudo: ficariam ele, o amigo e o peixe.

A água enegrecia sob a luz profundamente alaranjada do sol. Começavam os barulhos do lusco-fusco; saíam os pássaros de cantar alegre, dando espaço aos sapos, ao excesso de grilos e ao zumbido dos mosquitos. O bruxulear do matagal volteando o rio aumentava, aqui e ali pequenos animais esgueiravam-se às margens do Das Almas. Às vezes algum mergulhava sorrateiro, nem balançar a água não balançava, pouco se podia ouvir, menos ainda ver; ao olhar já tinham passado, sumido no breu do rio. Lucas e Marcos mantinham um silêncio quase sepulcral; os dedos de um ou de outro volteava o plano rijo e tênue cristalizado pela água; era um encostar de mundos, um contato que ligava o de lá de baixo ao de cima, uma multiplicação de sensações. Ainda que tentassem, já não conseguiam mais evitar os pensamentos. Pior: já não tinham mais forças nem pra evitar na cara os pensamentos que corroíam a sobrieda-

lam tão absortos que ora passavam longos momentos olhando um para o outro sem dizer palavra, ora miravam ao longe, tempo longo passando, nem mesmo saberiam dizer o que olhavam. Já não era mais desespero que assomava sobre as águas do rio, nem havia o que censurar do movimento das águas: era o natural. Foram aceitando. Aceitando calados, sem contestar, parecia não haver mais problema. Mas de repente foi virando mais que aceitação, mais que simples consentimento. Aquietaram-se, pois surgiu-lhes certa ideia; nem se pode dizer que surgiu, parecia já estava ali faz tempo; sempre. Passaram da paisagem longínqua, observaram a imagem mais próxima, foram volvendo o olhar um ao outro, tiveram a ideia juntos, cabeças que em grupo pensaram, talvez pela pouca distância entre uma e outra. E talvez tenha sido esse olhar assim, adivinhando um o pensamento do outro, surpresos de a mesma coisa pensarem, mesmo momento, foi surgindo em cada boca uma fisgada, quase de anzol mesmo, puxando lábio, fazendo abrir-se primeiro em tímido sorriso, depois em grande risada. Estouraram em gargalhada, divertindo-se muito.

Atravessaram a terceira ponte.

ricardo russano



ensaio

## FAMÍLIA EM DESORDEM

Danilo Sales

Trato da decadência familiar em três romances de língua portuguesa: *Os Maias* de Eça de Queirós (1888), *Lavoura Arcaica* de Raduan Nassar (1975) e *Cinzas do Norte* de Milton Hatoum (2005). Partindo da análise comparativa entre as obras, busco compreender o impulso desagregador que percorre as diferentes narrativas.

Tendo em vista as diferentes datas de publicação e as peculiaridades das diversas tramas, limito-me, no presente texto, a comparar os núcleos familiares representados, tomando a desestruturção dos laços como elemento temático que perpassa as obras estudadas. Com base na hipótese de que os três romances representam tensões entre gerações, confronto essas narrativas a partir das diferentes possibilidades de resolução dos conflitos que apresentam.

\*\*\*

Em *Os Maias*, romance que apresenta a progressiva falência da outra imponente família de sobrenome homônimo ao título, acompanhamos

a história de três gerações compostas quase que exclusivamente por homens. Afonso e seu filho Pedro têm suas trajetórias brevemente narradas, sendo importante destacar o permanente conflito entre esse pai e seu filho. Tornando símbolo da fraqueza decorrente da educação romântica e católica que recebe quando criança, Pedro é o oposto do pai, um liberal que, dotado de forte ânimo, simboliza a potência do homem culto e progressista.

A narrativa, entretanto, focaliza a história de um terceiro personagem: Carlos da Maia, filho de Pedro e neto de Afonso. Fruto do relacionamento entre um homem romântico e uma mulher volátil, Carlos tem um breve contato com seus pais. A mãe adúltera foge com outro homem e o pai, em consequência, se suicida. Pedro é criado por seu avô. Enxergando na criação do neto a possibilidade de transmissão dos seus valores, Afonso o submete aos moldes de uma rígida educação britânica, com o intuito de gerar no neto uma disposição afetiva mais sólida que aquela observada no filho.

Um ilusório êxito do projeto de Afonso faz-se notar quando Carlos torna-se médico de relativo prestígio e volta então à pátria para morar ao lado do avô. Reformado o casarão do Rama-

---

lhete, transformando-se novamente em opulento lar dos Maias, a vida da família transcorre pacificamente. A estabilidade familiar parece então restabelecida: atingido o objetivo do patriarca de efetuar no neto o progresso que não havia sido possível alcançar na formação do filho e dignificada a estrutura arquitetônica que expressava a abastança e a regeneração do núcleo familiar, a harmonia entre as diferentes gerações parecia garantida. A promessa de progresso se insinuava, formando o clima de aparente estabilidade.

Surge então a figura de Maria Eduarda, suposta mulher de um cavalheiro brasileiro. A personagem evoca rapidamente no espírito de Carlos o amor profundo, e esse seu desejo os leva a manter uma relação intensa de concubinato. Ultrapassando os limites aceitáveis da conjunção adúltera, o romance é descoberto e algumas verdades são reveladas: Maria Eduarda não é casada, mas vive como acompanhante de Castro Gomes, o qual “disponibiliza” a mulher para a vivência do amor que parecia impossível. Eliminado esse obstáculo, os amantes planejam o matrimônio.

O projeto de união é, no entanto, interrompido pelo surgimento da notícia atroz: os amantes são irmãos. O conhecimento do parentesco (e, conse-

quentemente, da ação incestuosa) não impede que Carlos prossiga o relacionamento com Maria Eduarda, mas aos poucos a paixão o dilacera internamente e altera a percepção da mulher amada e do próprio amor, que passa a ser associado a um impulso animalesco. A irrupção do incesto na trama promove não só a ruptura do caso amoroso entre os irmãos, mas também o confronto entre neto e avô. Ao saber da notícia, Afonso se decepciona amargamente e desse desgosto resulta sua morte

Originando os conflitos que vão demolir a estrutura nuclear dessa família, o incesto surge, no plano figurativo, como a fratura da ordem instituída. Ao romper com um tabu, o protagonista instaura a desordem no seio familiar, causando o seu desmembramento. Por contaminação simbólica, a morte de Afonso é a derrocada do poder patriarcal – o qual, abalado seriamente pelo impulso desagregador da relação incestuosa, sucumbe.

O impacto causado pela morte de Afonso faz com que Maria Eduarda seja exilada na França e com que Carlos também se exile durante dez anos, após os quais regressa a Lisboa. Reduzida a família a apenas um integrante, a sina trágica de decadência está aparentemente anunciada na impossibi-

lidade genealógica dos Maias: Carlos, como uma espécie de filho revoltado, foi inconscientemente responsável pela morte do patriarca, e, ao mesmo tempo, não parece capaz de estabelecer uma nova lei que permita dar continuidade a sua estirpe. Consequentemente, entra em vigor uma ameaça de dissolução, que insinua agora uma instabilidade insuperável.

É sintomático, então, perceber a cena final do romance de Eça como ambígua. Estando os amigos Carlos da Maia e João da Ega conversando sobre a “teoria da existência”, cujo teor se resume à invalidade do esforço para qualquer objetivo, lembram-se que estão atrasados para chegar a uma reunião marcada e resolvem correr atrás do “americano” que está passando naquele momento. Podendo ser lida como um traço de esperança, a corrida de Carlos e Ega assinala também a superficialidade das doutrinas pessimistas que constituem matéria da conversa que acabaram de travar entre eles. Prometendo inércia, imediatamente, empreendem uma ação, sem consciência do paradoxo que executam. Suas doutrinas são superficiais, inconsistentes e não resistem às provas mínimas impostas pela existência.

Apresentando grande confronto

no próprio pensamento (evocado na discordância entre a teoria e a prática), a geração aludida por Eça está no centro da tensão entre a ameaça de dissolução e a esperança de continuidade. No romance, o conflito entre as gerações culmina com a morte do patriarca, porém o representante dessa descendência vinga apenas enquanto oscilação, dúvida. A possibilidade de superação dos impasses vividos pela geração de Carlos Eduardo – que, em larga medida, representa a cultura portuguesa em tempos de Regeneração – aparece apenas como uma tentativa, como uma “probabilidade longínqua surgida no ocaso”.

\*\*\*

Em *Lavoura Arcaica*, romance que apresenta a insurreição do filho em relação à ordem familiar ditada pelo pai, a narrativa acompanha a partida e o retorno do rebento desgarrado. Filho revoltado, incompatível com a estrutura do lar que o circunda, após ter realizado o incesto com a irmã Ana, resolve se afastar do núcleo familiar. Temendo pela instabilidade que causaria sua presença na casa paterna, André se refugia numa pensão, iniciando a desagregação da família.

Mandado em busca de seu irmão extraviado, Pedro – que encarna a herança da lei do pai, entrando em con-



---

cordância com os paradigmas do patriarca – encontra André, o qual revela os motivos da sua fuga (a prisão encerrada pela casa, a doença incompatível com a organização rígida do ambiente doméstico, o confronto com a figura paterna), expondo a cisão entre a lei do pai e o desejo do filho. O incesto então revelado concentra a máxima ruptura com a ordem da casa.

Afirmando a importância de André para a completude da família, desestruturada desde o dia da sua partida, Pedro arrasta finalmente o irmão de volta à casa ao evocar a tristeza que se abateu sobre sua mãe e irmãs. O regresso do filho faz nascer então a promessa de felicidade no ambiente familiar, provocando na casa um clima de euforia que culmina na preparação de uma festa celebratória para a sua chegada. Agitada pela esperança de reconciliação e consequente restauração da harmonia, a família presta a devida solenidade ao retorno do filho desviado.

Episódio obviamente alusivo à parábola do filho pródigo, o regresso de André apresenta uma paródia do texto bíblico na medida em que rompe com a concordância entre as gerações professada no evangelho. Preceituada a harmonia definitiva entre pai e filho, sendo a celebração do regresso o ápice

da união familiar, os versículos representam a restauração da ordem anteriormente abalada. No romance, contudo, a volta do filho professa a esperança fugaz de apaziguamento das diferenças entre as gerações e a impossibilidade da restauração familiar.

Recorro ao desfecho do romance de Nassar.

Sentados à mesa, quando da volta de André, pai e filho dialogam longamente (todo o capítulo 25 do romance) sem conseguir, entretanto, chegar a algum consenso. Tendo como base a importância da família, da terra, do trabalho e do tempo, o pai – arauto da ordem e da lei naquele ambiente – toma por absurdas as opiniões do filho, calando-o durante a discussão. Incorporando ao extremo sua autoridade de patriarca, ele impõe ao filho a doutrina que rege o progresso da família e da casa, na tentativa de transmitir como herança seus princípios.

Contrário aos alicerces que sustentam a lei do pai, André prossegue amando o corpo da família e, por isso, relaciona-se sexualmente com Ana e também com Lula, seu irmão mais novo. Tal impulso carnal aponta para o conflito entre esse desejo desregrado, que representa a pulsão maior do filho, e a ordem primeva, representada pela

força arcaica do pai, que preconiza um amor familiar sereno, abstrato, longe de toda concretização.

Na cena final do romance, em que ocorre a festa celebratória da volta do filho desgarrado, Pedro procura por seu pai e lhe transmite uma “sombria revelação”. Este, transtornado pela notícia, agarra o alfanje e desfere um golpe mortal sobre a filha Ana, que comemorava, dançando euforicamente, o retorno do irmão. O desespero se abate sobre a família, que sucumbe diante da ira irrefreada do patriarca.

Sentindo-se ferido e ameaçado pela quebra da interdição do incesto, o pai se reveste da autoridade divina que permite a ele decidir sobre a vida dos membros da família, virando “lei incendiada” capaz de destruir seu próprio rebento para demonstrar a superioridade da sua força simbólica. Paradoxalmente, por ser tomado por um impulso passional, ele rompe o equilíbrio que sempre defendera. Afinal, o patriarca também sucumbe ante o poder desagregador da paixão individual que nascera no filho e projetara-se na filha.

O conflito entre as gerações culmina com a destruição da família. Mesmo abalado e tensionado pelo confronto com o filho, a lei do patriarca assoma na lavoura arcaica. Contudo, a ameaça

de dissolução continua visível, pois o embate entre gerações persiste na memória do filho. A possibilidade de continuidade está, paradoxalmente, representada na lei inexorável que sustenta o pai e a família: a “soberania incontestável do tempo”.

\*\*\*

Em *Cinzas do Norte*, romance passado no Amazonas do início da ditadura militar, ocorre a decadência da rica família Mattoso. O choque entre pai e filho constitui o impulso central da narrativa. A relação entre Trajano e seu filho Raimundo é dificultada pela diferença que envolve as duas gerações, sendo um o eterno adversário do outro. Contrastando visões de mundo e posições ideológicas, pai e filho se debatem ao longo do romance. O filho não consegue adequar-se à lei do pai, nem o pai consegue aceitar a inovação do filho.

Trajano, patriarca da família, investido de enorme autoridade, é um representante da força progressista, responsável pela “marcha ao desenvolvimento” ecoada nos discursos oficiais da época. Raimundo, entretanto, filho revoltado contra a lei instaurada pelo pai, decididamente contrário ao impulso desenvolvimentista encarnado pelo suposto progenitor, é um representante da força intelectual engendrada pelo

---

trabalho artístico.

Não aceitando a diferença do filho, o pai – assumindo simbolicamente o pacto com a máxima positivista nacional da ordem e progresso, averso aos entraves impostos a essa evolução – acredita que Mundo “não promete nada” por seu apreço às Artes. Encontrando abrigo na proteção materna de Alícia e do seu “amante” Ranulfo, o filho desviado passa então a abalar a lei do pai, provocando-o com suas caricaturas e sua rebeldia em relação à ordem instaurada.

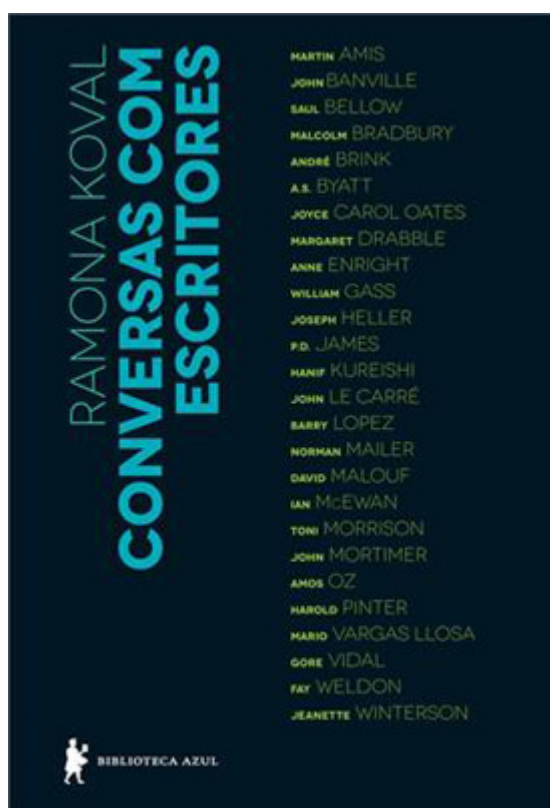
Forma-se o abismo colocado entre pai e filho, já que não existe a possibilidade de harmonização entre os “riscos obscenos” de Mundo e a “correção moral” representada por Jano. Essa quebra na relação termina por insinuar a descontinuidade como um destino nacional.

Recorro ao final do romance em estudo. Mesmo a herança é colocada em xeque. Mundo não é filho biológico de Jano, mas do artista impostor Arana, ao qual supostamente se associa pelo seu ímpeto criativo. Essa falsa herdade faz com que a instabilidade, antes apenas suscitada no conflito entre as gerações do pai e filho, seja generalizada no corpo social, provocando a destruição dos laços sanguíneos, únicos alicerces

que ainda uniam o núcleo familiar. Quebrado este último lastro de resistência, a desestruturação toma conta do agrupamento familiar, culminando então na morte de Jano e de Mundo: ambas as gerações são aniquiladas.

É possível notar nessa morte de pai e filho uma observação sobre o resultado do conflito entre as gerações. Destituídos ambos dos poderes materiais e simbólicos (já que submetidos à morte, fator capaz de finalizar a representação de seus impulsos), nem Mundo nem Jano conseguem vitória. Sem afirmar as rupturas, figuradas pelo filho, nem assegurar a continuidade do mundo repressor, simbolizado pelo pai, o romance de Hatoum anuncia o encerramento de uma era em que a luta travada entre essas forças ocupara posição central.

A ameaça de dissolução completa é, todavia, tensionada pela figura solidária do órfão Olavo. O amigo de infância sobrevive para contar a tragédia de Mundo e Jano, podendo narrar a dissolução da família. Além disso, articulado ao símbolo mitológico da ressurreição da fênix, a mensagem deixada pelas cinzas desse norte brasileiro encerra a representação da possibilidade de ressurgimento e renovação, mesmo após a destruição do mundo que abrigava o conflito insolúvel entre duas gerações.



## CONVERSA COM ESCRITORES

Ramona Koval (Org.)

Editora Globo  
448 páginas

## REFORMA NA PAULISTA E UM CORAÇÃO PISADO

Elisa Andrade Buzzo

Oitava Rima  
272 páginas





artigo

# O LUGAR DO LIVRO NA MODERNIDADE: UM ESTUDO SOBRE O RETRATO DESNATURAL, DE EVANDO NASCIMENTO

Élen Rodrigues Gonçalves

“Escrevendo no escuro”, “Pedaços”, “Interversões”, “Respirações”, “Microensaios”, “Restos”: são os seis diários desnaturais que transportam uma série de sensações, percepções, conhecimentos e domínios da poesia de Evando Nascimento (2008). Iniciando-se sob forma de poema, no ano de 2004, a história progride com relatos, contos, ensaios, diálogos, entrevistas, conversas, crônicas, e-mails, configurando-se numa importante significação entre as formas da ficção e as formas da confissão, marcas da literatura contemporânea.

O estatuto do diário é o da confiança, na qual a relação entre o eu e o diário define-se pelo paradoxo de se guardar um segredo e pela vontade de falar. O diário é um gênero literário complexo em que o autor vive e se vê viver, e simultaneamente, é protagonis-

ta e espectador, está por dentro e por fora (apud FIGUEIREDO: 2010). Através disso, cria-se uma crença narcisista no eu e no desejo de autoconhecimento, em que a procura da identidade do sujeito moderno permanece em conflito com a realidade subjacente.

Ao transformar tais diários em literatura, alterando os fatos vividos e dando-lhes a forma de ficção, ou de poesia, ao fazer da literatura uma representação do cotidiano, o autor cria a sua mitologia pessoal para compor a própria poesia. É o que interessa à literatura contemporânea hoje, em que o coletivo cede lugar ao individual. Essa ideia encontra-se clara no poema “outros (egos)” (NASCIMENTO, 2008, p. 128).

outros  
(egos)

eu estilhaçado  
eu estilizado  
eu estil o  
eu stil  
eu  
e

- pois eu...  
- pós-eu

Num imbricar de gêneros, a obra provo-

---

ca no “corpo” daquele que a lê uma reação à materialidade do objeto, isto é, o prazer do texto, no leitor, se dá a partir do momento em que seu ‘corpo’ segue as suas próprias ideias, assim como Barthes dissera: “porque meu corpo não tem as mesmas ideias que eu”<sup>1</sup>.

Estabelece-se, inevitavelmente, uma espécie de diálogo entre a leitura e o visual, na medida em que seus diários carregam um apelo sensorial: não se trata simplesmente de poemas, ensaios, contos, ou crônicas, já que, para o autor, “não se pode fetichizar nenhum gênero, vale não desprezar nenhum gênero”<sup>2</sup>.

Referendado pelo próprio autor, em palestra ministrada na Universidade Federal de Juiz de Fora, no dia 26 de maio de 2010, esses traços, esses dispositivos usados para se ultrapassar, transgredir os diferentes gêneros constituem a alterficção, sempre presente em sua obra. A ficção, para ele, é uma convergência, uma aproximação cada vez maior do real. A autoficção, por sua vez, encontra-se no limiar da imaginação e da realidade, existindo, de fato, como efeito. De fato, extremamente anticonvencional, segundo Antonio Cícero, ao apresentar a obra em análise, seus “diários não podem deixar de ser tão desnaturais quanto o retrato que desenham”.

Estabelecendo uma relação com

a autoficção, formalmente, a arte de Evando caracteriza-se pelo efeito tecnocientífico oferecido pela contemporaneidade, cuja transmissão de conhecimento é facilitada pelos mecanismos tecnológicos que propiciam uma transmissão de dados de forma mais rápida e instantânea, ecoando as palavras de Paul Valéry:

A arte não pode fugir por mais tempo aos efeitos da ciência moderna e dos processos modernos. [...] É preciso também estar preparado para o fato de que grandes inovações transformarão totalmente as técnicas das artes de que elas, em consciência, influenciarão as próprias criações e de que eventualmente chegarão a mudar o próprio conceito de arte da maneira a mais fantástica (VALÉRY, 1934, apud Campos, 1978, p. 88).

Dessa forma, instaurando uma imagem própria, essa mitologia pessoal, Evando tece os liames que relacionam forma e conteúdo, densidade linguística e identidade literária. A realidade é instantânea como a vida, que se perfaz de uma série de snapshots que captam os momentos, transformando-os em poesia, conferindo-nos a pluralidade de

temas, ideias, pensamentos e formas. Entretanto, existe uma conformidade entre esses aspectos, conferindo à escrita uma sonoridade residual, de forma que sua poesia atinge os “olhos” da imaginação do leitor. Por conseguinte, inexistente uma dependência cronológica rígida entre seus diários, permitindo sua leitura a partir de qualquer ponto.

Para Ezra Pound (1976), a força da poesia está em sua austeridade, em ser direta e livre de deslizes emocionais. A sua força está na sua verdade, no seu poder de interpretação. Assim é a poesia de Evando Nascimento, cujo sentido não está no sentimento incrustado nas palavras, ele está presente nas próprias letras que a compõem.

pois se tornou  
imperativamente necessário  
escrever na primeira pessoa,  
mas  
sem ingenuidades, com todos  
os disfarces  
o a(u)tor  
(NASCIMENTO, 2008, p. 12)

De início, o poeta avisa ser imperativamente necessário escrever na primeira pessoa, já que é por esse meio que se busca a veracidade das palavras do eu poético, mas, paradoxalmen-

te, oculta-as do leitor. Essa ideia, tão presente em filósofos como Derrida e Rousseau, torna patente sua precedência. Esse “eu”, por sua vez, só existe em virtude do “outro” que o completa. Ou seja, toda a experiência do “eu” só existe porque o “outro” libera sua existência. O “eu” não passa de uma ficção do “outro”. A alterficção novamente entra em jogo, sinalizando que tudo vem do “outro”, e a ele retorna. Através de suas palavras, “a experiência que no escuro tateio é por natureza irreduzível a uma única identidade” (Idem, ibidem, p. 126).

A definição de autobiografia e autoficção parecem, neste momento, bastante claras: enquanto a primeira tenta contar toda a sua história a partir das origens, a segunda recorta a história em fases diferentes, dando uma intensidade narrativa própria. A autoficção, por um lado, é a escrita do presente, isto é, ela “engaja” o leitor sobre aquilo no qual o autor quer descrever. Na autobiografia, por outro lado, a experiência pessoal se confunde com a observação do mundo e, assim, ela acaba se tornando heterografia, história simultânea dos outros e da sociedade.

A partir de então, o decorrer da obra caracteriza-se pela economia de palavras, pelo abstrato opondo-se ao concreto e, paradoxalmente, comple-



tando-se. Na dinâmica rítmica de cada verso da obra, coexistem entidades antagônicas e inconciliáveis, da mesma forma que tempo e espaço, tão efêmeros como a tecnologia, a cada dia transformando-se e revolucionando-se. No pólo oposto, confinada numa encadernação, tão antiga que sua história se perde na construção da aurora da nossa cultura, sobrevive a literatura em meio à era digital. Pensando por esse viés, configura-se também a visão que o autor tem da cidade como a metáfora do mundo.

Ocorre, nesses diários, uma proximidade absoluta pelas coisas instantâneas. Perdendo sua intimidade e identidade por expor-se ao mundo moderno, resta ao sujeito o diário, objeto físico que guarda toda a auto/alterficção do eu poético. Esse diário será, portanto, o ponto de encontro de todos os gêneros já explicitados anteriormente.

A obra literária, em meio à contemporaneidade, converte-se em objeto de consumo: “As tecnologias se tornaram vocativo para o pensamento”<sup>3</sup>.

Metáfora da beleza alada que corre, Ícaro se desfaz com o tempo e se desfigura: por serem de cera, suas asas desintegram-se. Em outras palavras, é o real que se desfaz. O fascinante, o belo são simulacros através dos quais o exa-

gero do real realiza-se em um trabalho delicado da poesia: no verso, algo vem a atingir a inteligência, como nos versos a seguir (NASCIMENTO, 2008, p. 20):

Ícaro  
(mapplethorpe)

*o sonho é a quadratura do círculo*

a beleza corre alada, a beleza agora sonha com a beleza visível-invisível, a beleza contempla o dilema sem fim, desolada e serena a beleza atua, a beleza desaba num abismo de reflexos, com suave alegria a beleza se desfaz em mais beleza, a beleza desfigura a beleza, oh a beleza – *que não há*.

(11.III.05)

Na poética de Evando, há uma motivação gráfico-visual obrigando a um constante exercício do olhar do leitor. A excessiva exposição plástico-visual do cotidiano compõe essa expressão poética em que os seres, as formas e as figuras superpostas constituem uma resposta à efemeridade das imagens na sociabilidade contemporânea. A sua originalidade, portanto, está na sua forma, em seus versos “duros” e nítidos.

A chave da autoficção está mais no leitor e na perturbação gerada em sua leitura do que no autor, sem, contudo, eximir o ego deste. Mas a verdade interpretativa é o que mais interessa, sobretudo quando coberta pela ficção.

A verdade é desconstruir, da mesma maneira que o discurso filosófico, imposto por Derrida. Isso quer dizer que tanto a verdade quanto o discurso filosófico estão sujeitos a modificações, a alterações encarregadas pelo tempo, por efeito, também, da característica da própria linguagem.

Vivenciando a modernidade contemporânea, pergunta-se, frequentemente, se a literatura será capaz de sobreviver em meio à era digital. Segundo Augusto de Campos “a poesia é uma família dispersa de naufragos bracejando no tempo e no espaço”<sup>4</sup>. Com efeito, a poesia é capaz de andar pelos seus próprios pés, não carecendo de muletas para se apoiar e sobreviver a este século em que os modernos meios de comunicação encarregam-se de consumir. Como é igualmente possível ampliar essa ideia para a atividade literária, em geral.

De que fala o escritor contemporâneo? E de onde? Ao responder a esses e outros tipos de indagações, é possível dizer, pelo menos, que todos esses as-

pectos tão divergentes e conflituosos jamais couberam tão perfeitamente como nos versos de Evando Nascimento.

Defendendo o novo, ele soube apropriar-se daquilo que a tecnologia e a literatura têm de melhor para construir sua poesia. A objetividade da sua linguagem e o despojamento da mesma; sua sutileza; a imagem figurativa que assume valor emblemático em sua escrita; tudo isso, além de assegurar a consistência do “tecido verbal” e levar a um determinado grau de abstração, constitui aspectos que configuram a leveza da sua obra.

Impossível não se lembrar de Italo Calvino (1990, p. 20) quando se refere ao software, em Seis propostas para o próximo milênio. É o software que comanda o que age sobre o mundo externo. O seu poder se deve à sua leveza, mas isso só ocorre mediante um contraponto: o hardware. Essa leveza está associada à precisão e à determinação, presentes nas palavras de Evando. Como é igualmente impossível não relacionar Paul Valéry<sup>5</sup> (apud CALVINO, 1990, p. 28): “É preciso ser leve como um pássaro e não como uma pluma”. Como em um diário da vida real, a autoficção é convertida em impulso inventivo, a existência do “eu” e do “outro” são verdades absolutas

---

que se transfiguram em alterficção da realidade literária. Leve como um pássaro, mas consistente, claro e afirmativo.

#### NOTAS:

1. BARTHES, Roland. O prazer do texto. Trad. Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1973, p. 23.
2. NASCIMENTO, Evando. Retrato desnatural. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008, p. 159.
3. FURTADO, Fernando Fabio Fioresi. A literatura na cena finissecular. In: Luiza Lobo (org.). Globalização e literatura. Discursos transculturais. Rio de Janeiro: RELUME Dalurá, 1999. p.113-125.
4. CAMPOS, Augusto de. Verso, reverso, controverso. 2. Ed. São Paulo: Editora Perspectiva. 1988. 7-9.
5. Na obra Seis propostas para o próximo milênio não consta bibliografia.

#### REFERÊNCIAS:

- BARTHES, Roland. O prazer do texto. Trad. Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1973, p. 23.
- CALVINO, Italo. Seis propostas para o próximo milênio. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CAMPOS, Augusto de. Verso, reverso, controverso. 2. ed. São Paulo: editora Perspectiva. 1988. p. 7-9.
- DIAS, Ângela Maria. Topografias poéticas da pós-modernidade no Brasil. Revista Veredas

4. Fundação Eng. Antonio de Almeida. Porto, 2001. p. 21- 44.

FIGUEIREDO, Euridice. Dany Laferrière: autobiografia, ficção ou autoficção? Disponível: <http://www.revistabecan.com.br/arquivos/1173617264.pdf>. [Capturado em: 20/06/2010].

FIGUEIREDO, M. Fatima Viegas Bauer-. Metamorfoses do Eu. O Diário e Outros Gêneros Autobiográficos na Literatura Portuguesa do Século XX. Atas da seção 8 do IV Congresso da Associação Alemã de Lusitanistas. 2002.

FURTADO, Fernando Fabio Fioresi. A literatura na cena finissecular. In: Luiza Lobo (org.). Globalização e literatura. Discursos transculturais. Rio de Janeiro: RELUME Dalurá, 1999. p.113-125.

NASCIMENTO, Evando. Ficções do eu – Ficções do outro. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL LITERATURA, CRITICA, CULTURA IV: INTERDISCIPLINARIDADE. Comunicação oral. 25 de maio de 2010. Anfiteatro da Fale.

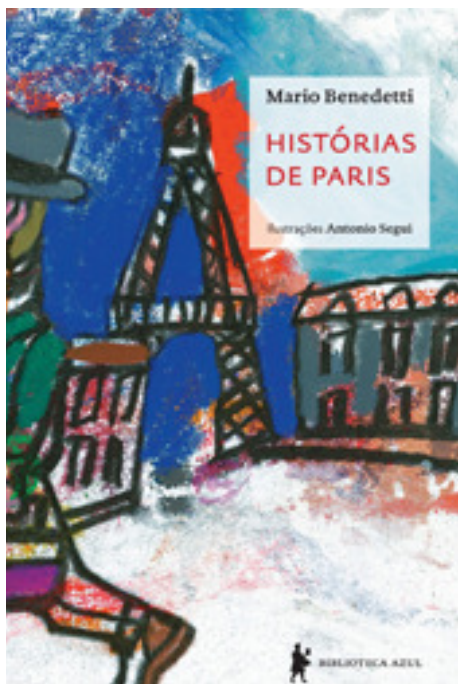
NASCIMENTO, Evando. Retrato desnatural (diários – 2004 a 2007). Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

POUND, Ezra. A arte da poesia: ensaios escolhidos. Trad. Heloysa de Lima Dantas e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1976.

POUND, Ezra. ABC da literatura. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.

## HISTÓRIAS DE PARIS

MARIO BENEDETTI  
EDITORA GLOBO,  
2013, 64 P.



A Biblioteca Azul, selo da Editora Globo, lança no Brasil “Histórias de Paris”, um volume curtinho que reúne quatro contos do uruguaio Mario Benedetti. A novidade fica por conta da edição ilustrada por Antonio Seguí. Algumas características comuns perpassam os textos escolhidos, retirados de três livros diferentes de Benedetti: com exceção de “Cinco anos de vida”, publicado em 1968 (e, portanto, antes do período ditatorial militar vivenciado no território uruguaio), os outros textos trazem a questão do exílio como pano de fundo essencial dos enredos – as personagens são marcadas pela mesma experiência contundente e melancólica.

Paris também é o cenário comum das his-

tórias e das relações que se esboçam (a não ser em “Só por distração”, último conto, protagonizado por um viajante errante sem origem nem destinos definidos), e cria uma atmosfera bem cadenciada e harmoniosa com as narrativas. Já a prosa de Benedetti dispensa elogios: garante aquele rigor elegante e alta qualidade aos contos. Quem assina a orelha é Eric Nepomuceno.

## FICO BESTA QUANDO ME ENTENDEM

HILDA HILST  
 EDITORA GLOBO,  
 2013, 64 P.



“Qualquer cretino pode ser espontâneo. Então eu acho que a literatura vem desse conflito entre a ordem que você quer e a desordem que você tem”. Cristiano Diniz organiza, em “Fico besta quando me entendem”, um compilado com 20 entrevistas de Hilda Hilst, realizadas ao longo de 50 anos. O livro, lançado pelo selo Biblioteca Azul, complementa a coleção de obras ficcionais da escritora – que perpassam a poesia, o teatro e o romance.

Além de entrevistas mais “pontuais”, ocasionadas pelos lançamentos de seus livros, nos aproximamos um pouco mais da pessoa de Hilda e suas opiniões, ideias e posições. Ora dura e contundente, ora sensível; por vezes, muito segura, em

outros momentos, ponderada e modesta, o retrato de Hilda é o mais honesto possível. Diz: “se você é coerente consigo mesmo, o resto é suportável. Eu suporto”. Não faltarão passagens ácidas e/ou bem-humoradas em bate-papos dos mais diversos. Uma leitura imprescindível para fãs da literatura, recheado de valor lírico e histórico. “Outro dia, perguntei a um professor: ‘Por que, durante os debates, ninguém se dirige a mim?’. ‘Ora, os alunos têm medo de você’. Este ano, quando fui eleita patrona da turma, comecei dizendo: ‘Não se preocupem, porque eu é que tenho medo de vocês’. E adiantou? Continuo falando sozinha”.



colaboradores

Aurélio Furdela ::: contista e dramaturgo moçambicano, representativo da novíssima prosa moçambicana, depois de publicar *De medo morreu o susto* (2004, 2ª edição), contos que encetam uma incursão surrealista no universo tradicional moçambicano, no que ele tem de antítese em relação aos valores da modernidade, *Gatsi Lucere* (2005), texto dramático que representa o Estado de Mwenemutapa, e *O golo que meteu o árbitro* (2006), crônicas desportivas, Furdela brinda-nos, desta vez, com esta afirmação categórica e insólita: *As hienas também sorriem* (conto publicado retirado deste último).

Bartolomeu Pereira Lucena ::: formado em Filosofia pela Universidade Estadual da Paraíba, reside no município de Malta PB e é professor da E.E.E.F.M. Dr. Antônio Fernandes de Medeiros. Não tem livros publicados, não cria animais.

Caetano Sordi ::: é antropólogo e filósofo de formação (UFRGS e PUCRS, respectivamente), além de um obstinado consumidor de ficção. Tem predileção por contos e já assinou blog com nome inspirado em Jorge Luis Borges ([obibliotecariodebabel.blogspot.com.br](http://obibliotecariodebabel.blogspot.com.br)), atualmente desativado.

Contato: [caetano.sordi@gmail.com](mailto:caetano.sordi@gmail.com).

Danilo Sales ::: 23 anos, solterapolitano. Formado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia em 2010. Atualmente cursando o mestrado em Literatura e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da UFBA.

Denise Freitas ::: nasceu em Rio Grande(RS), em 1980. Escritora e professora. Livros publicados: *Misturando Memórias* (2007), *Mares inversos* (2010); está entre os autores que compõem a *Antologia poética: Moradas de Orfeu* (Letras Contemporâneas, 2011); possui publicações em diversas revistas, dentre as quais, *Revista Sibila*, *Musa Rara*, *Revista Modo de Usar*. Escreve o blog: [www.sisifosemperdas.blogspot.com](http://www.sisifosemperdas.blogspot.com)

Élen Rodrigues Gonçalves ::: é graduanda em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora e, nas horas vagas, escreve em busca de esquecimento. Na área de Letras, é integrante do Projeto de Pesquisa "Viagens por outros mares: diásporas africanas e seus mapas literários", no qual procura desenvolver um arquivo literário e teórico de poetas cuja criação poética precisa ser reconhecida.

Emanuel R. Marques ::: Formado em Comunicação Audiovisual. Já trabalhou em televisão, assim como já ganhou a vida a fazer visitas num convento e museu do séc. XV. Autor e participante em livros, revistas e fanzines de contos, poesia e textos teatrais. Colaborador em projectos de diversos campos artísticos, como música, artes plásticas e vídeo.

Estevão Daminelli ::: 26. já quis ser astronauta. tem um poema publicado numa coletânea vagabunda que só lhe rendeu prejuízos. atualmente publica seus textos por aqui: <http://ou-isso.blogspot.com.br/>

Helena Barbagelata ::: nasceu em Lisboa a 6 de Dezembro. É uma artista multidisciplinar,

dedicada às artes plásticas, música e letras. Participa em antologias e revistas literárias em Portugal, Brasil e Itália, tendo sido laureada em diversos concursos internacionais.

Henrique Ribeiro da Silva ::: tenho 22 anos e sou natural de Porto Alegre no Rio Grande do Sul, cidade que moro e sempre morei. Já me mudei sete vezes de casa. Acho que por isso me canso, depois de certo tempo, de morar no mesmo lugar. Sobre a escrita, escrevo desde 2009. No início só escrevia poesias, este ano comecei a escrever contos e me identifiquei mais com a prosa. Sou muito fã de Cortázar, Kerouac e Garcia Marquéz.

Marcelo Feres ::: Nascido em 06/07/1957, na cidade de Niterói, RJ. Graduado em Administração pela EBAP, Rio de Janeiro, em 1979; graduado e pós-graduado em Direito pela UNESA, Rio de Janeiro, em 2005; estudante de Filosofia.

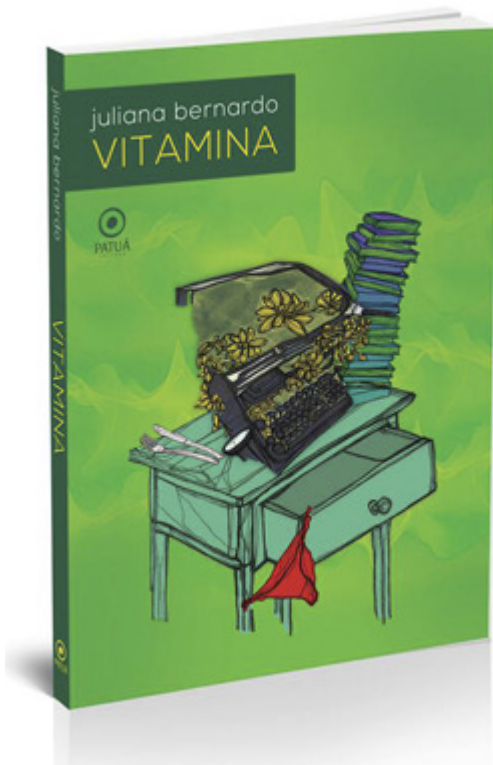
Patricia Maia ::: Tenho 37 anos, sou coordenadora editorial do portal Boas Notícias e jornalista freelance. Sou portuguesa, natural de Lisboa. Estes contos que envio fazem parte do livro de contos "Brilho Vermelho", vencedor da menção honrosa do prémio Alves Redol 2009. email: maiapatricia@hotmail.com

Rafael Batista ::: é naturalizado na cidade de Araçatuba/SP. Estuda História na UFMS, participou da Coletânea "Tantas Palavras" da UBE (União Brasileira de Escritores).  
Contato: rbatista.ata@hotmail.com;  
<http://rafaelbatistaa.blogspot.com.br>.

Ricardo Russano ::: Autor do livro Noites Áridas (ed. Patuá), Ricardo nasceu em Angatuba, uma pequena cidade do interior paulista, em 1987. Aos 18 anos mudou-se para São Paulo para estudar Letras na Universidade de São Paulo, formando-se em 2011. Em 2012, também nessa universidade, começou a cursar Biblioteconomia, curso que abandonou no mesmo ano. Pretende cursar História e tem duas certezas: morrerá corinthiano e de esquerda.

Yuri Amaury ::: tem, no momento, 21 anos. Estuda cerca de 50% do currículo do curso de Letras da UTFPr. Não trabalha, não tem namorada, não bebe nem fuma. E não escreve. Tanto é que demorou uns 40 e poucos minutos pra redigir estas 3 linhas, e não encontrou maneira de terminar com estilo. Blog: <http://buddhist-clouds.tumblr.com/>  
contemporâneos como Roberto Piva, Claudio Willer, Helena Ortiz, Tanussi Cardoso, Hilda Hilst e Claudio Aguiar, entre outros.  
E-mail: tallerleolobos@yahoo.com





## VITAMINA

Juliana Bernardo

Editora Patuá  
92 páginas

## FERA D'ALMA

Herta Müller

Editora Globo  
250 páginas

